

CORREIO DO VOLICIA

Semanario
independente, noticioso e litterario
Orgão dos interesses da villa d'Eixo

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
na Typographia A. F. Vasconcellos, Suc.
Rua de Sá Noronha, 51
—
PORTO

DIRECTOR E PROPRIETARIO:
ALFREDO RODRIGUES COELHO DE MAGALHÃES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
NA
RUA DE S. MIGUEL N.º 36
—
PORTO

Não se devolvem originaes nem se acceta collaboraçõ que não seja sollicitada.

A obra dos monarchicos

Não chegamos a comprehender como os politicos monarchicos, que atacaram rudemente e impiedosamente o Rei D. Carlos, quando este se dispoz a dar toda a força a João Franco—encerrando as côrtes e depois dissolvendo-as—, concordem, agora, por unanimidade, em fechar o parlamento por dois mezes, exactamente quando questões de alto interesse reclamavam que elle estivesse aberto e trabalhasse com persistencia, lealdade e honestidade, para as resolver depressa e o melhor possivel.

Não comprehendemos que se feche o parlamento, sem se liquidar, d'uma vez para sempre, a questão dos adiantamentos que vae cavando fundo a sepultura da monarchia: sem se ter publicado uma lei eleitoral que garanta o mais legitimamente possivel a representação popular; sem ter sido resolvida, d'uma maneira clara, a recente questão do convenio luso-transwaliano; e, finalmente, sem estarem decretadas medidas que nos permitam avançar um passo na estrada ampla do progresso.

Ou, então, só o comprehendemos, accetando, como expressão d'uma grande verdade, estas palavras que se attribuem ao ultimo monarcha: «sou rei d'uma monarchia sem monarchicos». Nós vamos mais longe: somos cidadão d'um paiz cujos dirigentes se mostram incapazes de o governar.

Não o dizemos apenas pelo prurido de dizer mal de tudo, que nos pertence, o que, ás vezes, é, sem duvida, um symptoma do character doentio do povo portuguez. Não. São os factos que no-lo impõem. Os erros succedem-se ininterruptamente, a incapacidade administrativa todos os dias produz os seus perniciosos effeitos, a falta de character a cada passo se revela.

Se não, digam-nos o que significa, por exemplo, essa attitude dos homens que constituem o partido dissidente—que se inculca o mais avançado a dentro da monarchia—em face do adiamento das cortes. Ainda ha pouco tempo, quando se fallou que o governo do sr. Sebastião Telles ia

sollicitar a intervenção do poder moderador no mesmo sentido, condemnaram o supposto adiamento intransigentemente; agora, nas mesmas circunstancias, declaram-se... em benevola expectativa!

Nas mesmas circunstancias—não dizemos bem. Da primeira vez, perseguia-os a sombra negra do sr. José Luciano; agora, illumina-lhes a escada do poder o sol radioso do sr. Wenceslau de Lima.

Isto é desanimador, porque não é um facto isolado. E' um aspecto apenas da crise moral que avassalla os nossos homens publicos. Elles não vêem deante de si os interesses do paiz—vêem-se apenas uns aos outros; não lhes illumina o espirito uma ideia grande, nobre—cega-os apenas a paixão ruim que os lança numa luta desleal; não lhes aquece a alma o fogo sagrado do amor pela nação que se lhes entregou—devora-os somente o desejo insaciavel de mandar.

Vae, d'este modo, o paiz perdendo a confiança no Regimen, porque considera este a causa da profunda crise que atravessa sob multiplos aspectos, e começa a apellar para uma nova forma de governo que julga redemptora.

E o facto dá-se, para quem pensa serenamente, não tanto porque a implantação da Republica seja garantia d'um periodo de ampla e segura felicidade, mas porque os homens da monarchia têm dado as mais completas provas de incapacidade para governar.

O recente adiamento das cortes—em que todos os monarchicos têm responsabilidade—é mais uma razão para justificar aquella desconfiança, mais um pretexto para os republicanos entrarem numa phase de activa propaganda e, para muita gente, mais um motivo de desespero de que Portugal volte a ser grande!

EXPEDIENTE

Prevenimos os, nossos obsequiosos assignantes da capital de que está encarregado de mandar fazer a cobrança o nosso sollicito correspondente e bom amigo sr. José Rodrigues Correia de Mello.

Esperamos que todos satisficam as suas assignaturas, quando lhes fôr presente o respectivo recibo, pelo que, desde já, nos confessamos muito reconhecidos.

GAZETILHA

Eu não sei se á outra gente
Succede o mesmo que a mim:
Andar lépida e contente
Quando, no bolso, tim tim,
A chocalhar sente massa.
Mas parece-me que sim,
Que esse som tem muita graça!

Tem graça e tanto valor
A *massinha* a tilintar,
Que não ha poder maior,
Neste mundo sublunar!
De qualquer Manel João
Faz brilhante titular
Marquez, Visconde ou Barão!

Converte em Venus de Milo
Toda a velhota mui feia,
A questão é ter d'*aquillo*
Que do amor o fogo ateia.
Cachopas da minha idade
Arranjai bom *pé de meia*
E sereis uma beldade!

Devido á sua potencia
Qualquer *branco* como eu
Arranja logo intelligencia
De tirar-se-lhe o chapéu!
Se até poetas e rimas
Parece que cáem do ceu
Quando se vê massa, meninas!

O' *ros omnes* que passaes
De nariz sempre no umbigo
E d'est'arte enfileiraes
Alinhadinhos comigo,
Arranjai *massita* grossa,
E vereis—é o que vos digo—
Se ha alegria igual á vossa!

El-Vidalonga.

CARTAS D'ALGURES

Meu amigo:

Devo á sua amabilidade o saber que, no ultimo domingo, deve ter-se realisado, na nossa terra, um bando precatório, destinado a angariar donativos para os sobreviventes da pavorosa catastrophe do Ribatejo.

Diz-me v. que a primeira noticia que recebi sobre o assumpto era excessivamente vaga, fallando em bando precatório «que ia sair», mas não indicando sequer o fim a que se destinava. Referia-se, para mais, o seu informador «á commissão que reunira», e logo v. suppoz, segundo amavelmente me confessa, que se tratava da commissão de beneficencia escolar que, sentindo, finalmente, a necessidade de cumprir o seu dever, saia para a rua, a experimentar a generosidade dos nossos conterraneos.

Explica-se a sua supposição; e eu devo declarar-lhe que, nos seus casos, me sentiria sobre-

saltado pela mesma ideia. Estou a vê-lo, meu amigo, a aparrar a penna para, jubiloso, encher largas columnas sob a epigraphe:—Até que emfim!

Enganou-se, como eu tambem me enganaria. A commissão de beneficencia continúa abraçada a Morpheu. E nós, a prégar no deserto. Mas não nos faz isso desanimar. Embora não tenha procuração sua, fallo por mim e por si, porque estou convencido de que, v. por uma causa justa, é capaz de ir até onde for necessario.

Não se tratava, pois, de pedir para os pobresinhos que andam á cata do pão do espirito; mas sim para os que no Ribatejo soffreram prejuizos inauditos com o terramoto de 23 de abril.

Quer dizer: a nossa terra, neste ponto, não quiz ficar atraz das outras, porque—devo notal-o—bandos precatorios não se fazem já apenas nas grandes cidades, mas até nas mais pequeninas aldeias.

E isto consola. E' a affirmacão de que o povo portuguez se encontra num estado superior de aperfeiçoamento moral. E' motivo até, pela parte que especialmente nos toca, para reconhecermos que nem em tudo a nossa terra está atrazada.

Mas—devo, em todo o caso, dizel-o—exactamente porque os bandos precatorios, destinados a acudir á desgraça do Ribatejo, estão na ordem do dia,—sendo largamente annunciados pelos jornaes—trazendo para os que os promovem, alem da satisfação moral, o applauso dos amigos, dos conhecidos e da opinião publica—é que as commissões se organisam com facilidade e não se poupam a esforços para que a sua iniciativa seja coroada de exito brilhante.

Não sei—e nem talvez v. o saiba ainda a esta hora—como correspondeu o povo da nossa terra aos desejos da commissão organisadora do bando. Creio bem, no entanto, que tenha correspondido modestamente, sim, como exigem as suas poucas forças, mas dignamente, como é proprio da sua alma boa e generosa—que é, afinal, a alma da raça portugueza.

Estou, porem, com interesse de registar o *quantum* do peditorio, para o pôr em confronto com o que se apure em novo bando que por ventura venha a realisar-se a favor das creancinhas pobres das nossas escolas. Porque—a o contrario, decerto, de muita

gente—eu ainda não perdi a esperanza de ver um dia na rua a commissão de beneficencia, a angariar donativos, cumprindo assim a missão que a lei lhe impõe.

Não queira alguém vêr nas minhas palavras a mais ligeira intenção de achar menos louvavel a iniciativa do bando precatório que alguns nossos conterraneos tomaram. Muito pelo contrario, a noticia, que v. obsequiosamente me comunicou, encheu-me de contentamento, por vêr que a minha terra concorria tambem com o seu quinhão para uma obra de solidariedade humana que ainda é a melhor garantia de que as qualidades, que tornaram grandes e respeitadas os antigos portuguezes, não se extinguiram de todo.

Mas não me impede isto, decerto, de, a proposito, apontar mais uma vez o desleixo inqualificavel da commissão escolar, e de accentuar que não é desgraça apenas uma situação material afflictiva, mas que tambem para ella concorre, dadas as condições da vida moderna, a ignorancia das coisas mais rudimentares que o espirito humano tem creado ou descoberto.

Não teria, decerto, um peditorio para as creancinhas pobres das nossas escolas o mesmo exito que supponho ter tido o destinado aos sobreviventes do Ribatejo. E isto, porque ainda ha muita gente que vive na doce illusão de que «saber lér e escrever é uma coisa inutil». Mas, por muito pouco que se conseguisse, representaria um esforço, uma prova de boavontade, o inicio de uma bella obra que, á custa de persistencia e trabalho, havia de realisar-se.

Não quero que a commissão saia já, amanhã, para a rua, a bater á porta «dos que podem», pedindo auxilio para as creancinhas que não frequentam com regularidade a escola, por falta de livros, de vestuario, de pão. Seria, talvez, pesado para muitos que agora devem ter concorrido para attenuar a miseria em que ficaram Benavente e Salvaterra. Mas não me dispenso de lhe lembrar que o deve fazer, embora d'aqui a algum tempo, modestamente muito embora, mesmo sem musica, mas com o desejo sincero de se vêr attendida.

... Ali fica a resposta á sua carta. Agradeço-lhe o termo proporcionado mais uma occasião de cumprir o dever

de censurar o desleixo da commissão escolar e de ter dado logar, talvez, a que muita gente fique espantada deante da minha teimosia de estar sempre a bater no mesmo ferro frio. Por mim explica o facto a sabedoria das nações: *agua molle em pedra dura...*

Creia-me sempre

muito amigo,
A. B. C.

NOTICIARIO

Consorcio — Realisou-se no dia 20, pelas 9 horas da manhã, na igreja matriz d'esta freguezia, o enlace matrimonial do nosso amigo sr. Francisco Marques Delgado com a menina Guilhermina Ferreira das Neves.

Foram padrinhos o sr. Manuel Ferreira Campos, a cujo serviço a noiva esteve durante perto de 17 annos, e a sr.^a Rosa Florinda de Jesus.

São os noivos dignos das maiores felicidades pela sua honestidade e qualidades de trabalho. Sinceramente lh'as desejamos.

Fallecimentos — Por lapso, não demos, no ultimo numero, a noticia do fallecimento da menina Irene, dilecta filha do sr. José Francisco Coelho. Fazemo-lo, hoje, enviando a este nosso presado amigo a expressão sincera do nosso pesar.

— Aos estragos da tuberculose, succumbiu no dia 23, pelas 6 horas da tarde, a menina Maria da Luz, irmã dos nossos amigos e conterraneos srs. Francisco e José Marques Barbosa, a quem apresentamos as nossas condolencias.

A extincta era dotada de bellas qualidades, que a tornavam digna da estima e sympathia de todas as pessoas que a conheciam, sendo por isso muito sentida a sua morte.

Mercê — Pelos serviços prestados na Guiné, foi agraciado com a mercê de cavalleiro da Torre e Espada o nosso presado amigo sr. David d'Albuquerque Rocha, illustrado 2.^o tenente da Armada. Os nossos cordeaes parabens.

Melhoramentos locais — Por proposta do nosso bom amigo e activo vereador da Camara Municipal d'Aveiro, sr. Avelino Dias de Figueiredo, resolveu esta, na sua ultima sessão, o seguinte:

— Construir um aqueducto, julgado indispensavel, para a passagem das aguas, no caminho do Monte, limite d'esta freguezia; e

— Desobstruir as claraboias do encanamento da fonte d'esta freguezia, melhorando-a com os concertos necessarios.

SALVADOR

E MAGDALENA

(CONCLUSÃO)

Como o leitor não tem muita pressa, talvez, não vejo inconveniente em que eu lhe explique que esta carta havia sido escripta, muito tempo antes, a uma *primadonna* do theatro lyrico, a quem Salvador fizera a côrte: como havia tido o destino de ser entregue mão por mão, não tinha sobrescripto: e como não chegara a ser entregue, tinha voltado para casa na carteira e fora lançada na gaveta d'onde agora se tirou. — «Amo-te, escrevia o mancebo á cantora, que ia partir; amo-te e não amo mais ninguém, porque só tu no mundo és digna de ser adorada; tu, que és a inspiração, tu que és a harmonia, tu que és o amor.» E continuava n'oste tollissimo estylo, enriquecido de juramentos pantafas-

Bispo d'Angola — Como dissemos no ultimo numero, deve realisar-se, no proximo dia 30, na Sé Cathedral de Coimbra, a sagração do novo bispo d'Angola D. João Evangelista de Lima Vidal.

A Camara Municipal d'Aveiro, em homenagem ao illustre aveirense, resolveu, na sua ultima sessão, fazer-se representar n'aquella cerimonia pelo seu presidente e vereadores Accacio Rosa, Dr. Soares, Domingos Campos, Avelino Dias de Figueiredo, Henrique da Costa e José Reis.

Exoneração — Foi exoneração, a seu pedido, do lugar de encarregada da estação telegrapho-postal de Apulia, a sr.^a D. Sarah Teixeira de Pinho Brinco, esposa do nosso presado amigo sr. Antonio da Silva Brinco, encarregado da estação telegrapho-postal d'Aguada.

Instrução primaria — Foi no dia 22 a assignatura regia um decreto, creando uma escola mixta na Gafanha (Ilhavo).

— Foi posta a concurso a escola do sexo masculino d'esta freguezia.

— O conselho superior de instrução publica, na sua ultima sessão, approvou parecer favoravel ao provimento, nos logares de ajudantes das escolas masculinas de Cacia e Sarrazolla, concelho d'Aveiro, da sr.^a D. Genoveva Lucena e José Machado Godinho.

José Estevão — Segundo acabamos de ler no nosso collega «Vitalidade», não é inteiramente exacta a noticia, que demos no ultimo numero, sobre uma nova edição dos discursos de José Estevão. Não é esta feita por iniciativa dos livreiros-editores Lello & Irmão, como dissemos, mas sim promovida pelo sr. Conselheiro Luiz de Magalhães, illustre filho do notavel orador, para commemorar o centenario de seu pae. E não cedeu o sr. Conselheiro Luiz de Magalhães, como tambem dissemos, apenas metade do producto da venda da obra á Misericordia d'Aveiro, mas sim a sua plena propriedade.

Auctoridades administrativas — Foi nomeado governador civil de Lisboa o sr. Motta Prego, que, ha annos, exerceu o mesmo cargo no districto d'Aveiro.

— O sr. Conde d'Aguada, governador civil d'este districto, pediu a exoneração que não lhe foi concedida.

— Diz-se, agora, que vão ser substituidas todas as auctoridades progressistas.

Conselho de guerra — Foram julgados em conselho de guerra os srs. alferes Teixeira e sargento Cardoso, arguidos de se terem envolvido no caso de 28 de janeiro do anno findo.

Foi julgada improcedente a accusação, sendo os reus absolvidos.

Mendes Leite — Passou no dia 19 o primeiro centenario do nascimento do illustre aveirense

sudos e melodramaticos!

Depois de encontrar o jornal que procurava, Salvador enviou o ao seu destino, e poz-se a escrever a Magdalena. No fim fechoa a carta, remecheu os papeis que estavam sobre a mesa, a procurar o laere, que finalmente achou; viu diante de si uma carta com o sobrescripto em branco, escreveu: «Ex.^{ma} sr.^a condessa de Foyos, Miragaya.» E mandou para o correio.

Decorreram alguns dias, sem o mancebo receber carta da condessa. Ao fim de uma semana, n'uma noite em que Salvador recolhia do theatro, ao chegar a casa dirigiu ao criado a classica pergunta de cada noite:

— Veio carta?
— Não, senhor.
— E alguém, veio?
— Um moço de almorreve, que trouxe uma caixa.

Salvador entrou no seu quarto, abriu a caixa indicada, e encontrou... as suas cartas a Magdalena.

Debalde perguntou mil vezes a

Manuel José Mendes Leite, companheiro de José Estevão, que tomou, com este, parte nas luctas liberaes.

Mendes Leite, que foi deputado em algumas legislaturas, conseguiu que o «Acto adicional» de 1852 consignasse a abolição da pena de morte nos crimes politicos.

Comicio — Promovido pelo directorio republicano, realisou-se, em Lisboa, no ultimo domingo, em Lisboa, um comicio para protestar contra a illegalidade do adiamento das cortes e a inconstitucionalidade do tratado luso-transwaliano.

Alem d'outros, fallaram Theophilo Braga, actual presidente do directorio, e os deputados Brito Camacho e João de Menezes.

Propostas — Consta que o sr. ministro da justiça tem adiantados os trabalhos sobre as propostas que tenciona apresentar ao parlamento, as quaes se referem á remodelação da lei de 13 de Fevereiro; extincção do juizo de instrução; organisação da instrução criminal, cujo desempenho será confiado a juizes funcionando junto dos diversos districtos criminaes; e reforma da lei de imprensa.

Além d'estas apresentará em primeiro logar a lei referente á responsabilidade ministerial, seguindo a qual o julgamento dos ministros incursos em penalidades consignadas na lei é relegado ao Supremo Tribunal.

O mesmo ministro vae nomear uma commissão composta de juizes, delegados e advogados para elaborar o codigo do processo criminal.

Bando Precatorio — Realisou-se, no ultimo domingo, nesta villa, um bando precatorio com o fim de angariar donativos para os sobreviventes da pavorosa catastrophe do Ribatejo.

Tomaram esta louvavel iniciativa, entre outros, os nossos amigos srs. Avelino Dias de Figueiredo, Padre Manuel da Cruz, Dr. Eduardo de Moura, Antonio Simões da Silva, major David Ferreira da Rocha, Manuel Marques Janvelho, Filipe Dias de Carvalho e Antonio do Carmo de Magalhães.

Como era de esperar, a população d'esta localidade acolheu com sympathia a iniciativa da commissão, concorrendo todos, nos limites das suas forças, para attenuar a situação dolorosa dos nossos irmãos do Ribatejo.

Os donativos angariados foram: 73\$510 em dinheiro, dois lençoes e uma almofada.

Terminando esta ligeira noticia, que fazemos quasi á hora do nosso jornal entrar na machina, devemos agradecer, em nome da commissão, a gentileza que a afamada philharmonica de Ilhavo teve para com ella, vindo gratuitamente incorporar-se no cortejo.

si proprio: Que significa isto? Procurou entre as d'elle alguma carta da condessa, mas não vinha uma só letra d'ella? Esperou alguns dias a explicação d'este successo, mas a explicação não chegou.

— Não me ama já! Que remedio lhe hei de dar? O amor é um sentimento involuntario, que vem sem se saber porquê e da mesma sorte foge! Ninguém tem culpa de ja não sentir uma atracção! Capricho infinito de uma imaginação de mulher! Para que me jurava então o amor vehementemente e santo que me offerecia em quanto eu o quizesse? Quebrar, sem um adeus, nem uma saudade! Oh! em amor a coragem... é do que sente menos!

Passeu-se mais de um mez n'esta anciedade, até que, de uma occasião em que estava inventariando os seus papeis, e varrendo a secretária de jornaes antigos e cartas inuteis, encontrou uma, fechada e com o sobrescripto em branco. Esta circumstancia ganhou-lhe a curiosidade de

SECÇÃO LITTERARIA

AS ROSAS

A MARÇAL BRANDÃO

Rosas! são mimosos beijos
Da Primavera a sorrir,
Mundo de encantos, desejos,
Que se não sabe exprimir.

No seu fragrante perfume,
Nas suas côres delicadas,
Todo um poema resume
De estrophes apaixonadas.

Da aurora, se do collar
Desfiam per'las trementes...
Vão na rosa scintillar
Como estrellas refulgentes.

Quer no berço debruçada,
Quer na campa, a qualquer hora,
A rosa, celestre fada,
Tem alma, sorri e chora...

Os mesmos anjos do Céu
Em manhãs cheias de luz,
Cobrem de rosas o veu
Da Virgem, Mãe de Jesus!

II

Em desenhos seductores
P'ra ti a rosa descerra
Preito, homenagem, louvores
Aos grandes da nossa terra.

Que lindas, que lindas télas
Tão finas e graciosas.
Tão pequeninas, tão bellas,
Folhinhas, pet'las de rosas...

Desdobrando illuminuras
De traços leves, gentis,
Ideaes miniaturas
Com tintas as mais subteis!

Lapis de tal primazia,
De tanta delicadeza,
Realça á rosa a poesia,
Realça á rosa a belleza.

Excelso, bondoso artista!
Das lindas, queridas rosas
Já o teu nome conquista
As bençãos mais radiosas.

As rosas fazes fallar
Docemente ao coração,
Sorrir, sorrir e cantar:
Bem! hajas, Marçal Brandão!

Porto, 23 de maio
de 1909

ARNALDO AUGUSTO DE SEQUEIRA.

Pedimos aos nossos obsequiosos assignantes o favor de nos prevenirem, sempre que mudem de residencia, ou quando não recebam o jornal.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o director do jornal—R. de S. Miguel, 36—Porto

a ler, antes de a atirar ás chammas d'esse auto de fé. A primeira linha da carta, dizia: «Minha querida Magdalena...»

A alma de Salvador assombrou-se, n'um ruim presagio, de toda a vaga tristeza de alguma grande desgraça.

— Poder infernal do acaso! exclamou. Porque me adivinha o coração que fui eu proprio que creei a desventura de nós ambos?!

Na situação que opprimia, toda a esperença era inutil; todo o expediente, impossivel. A amargura devorava o implacavel, sem que no horizonte da sua existencia fulgisse um raio de luz; já não podia aspirar ao amor de Magdalena, porque aquella nobre alma julgava-se enganada!

Nem procurava vel-a, preferindo a resolução do Icaro atirando-se ao mar, ao sentir-se cair do ceo, em vez de viver condemnado a voar eternamente nas regiões intermed arias!...

Uma carta de um dos seus ami-

NOTICIAS PESSOAES

Anniversarios

Pelo seu anniversario natalicio, que passou no dia 22, felicitamos o nosso amigo sr. Abel Manços d'Araujo Barros, considerado commerciante no Porto.

— Cumprimentamos tambem o nosso bom amigo sr. Antonio do Carmo de Magalhães cujo anniversario passou no dia 19.

Doentes

Passa bastante incommodado o nosso illustre amigo sr. major David Ferreira da Rocha, por cujas melhoras fazemos sinceros votos.

— Continúa doente o nosso amigo sr. João Luiz Ferreira. Desejamos-lhe rapidas melhoras.

— Passa melhor, andando já de pé, o nosso amigo sr. Manuel Rodrigues Fernandes Junior. Muito estimamos vê-lo completamente restabelecido.

— Tambem passa melhor, com o que nos congratulamos, o distincto clinico sr. dr. José Pereira Lemos.

— Encontra-se bastante doente, na sua casa d'Aveiro, o nosso presado amigo e collaborador sr. Arthur Mendes da Costa, alumno do Instituto Industrial e Commercial do Porto.

Estadas

Estiveram, ultimamente, em Aveiro, os srs.: José Antonio de Carvalho Junior e Augusto de Lima Vidal com suas ex.^{mas} esposas, D. João Evangelista de Lima Vidal, novo bispo de Angola, Manuel Francisco Athanasio de Carvalho, desembargador Alexandre de Sousa Mello e ex.^{ma} familia e dr. Antonio Emilio d'Almeida Azevedo, meruissimo juiz de direito em Anadia.

— Com a sua ex.^{ma} esposa e filhos, esteve na ultima quinta-feira no Bussaco, o nosso presado amigo sr. José Fortunato Coelho de Magalhães.

Partidas e chegadas

Chegou aqui, no dia 16, vindo da Africa, onde é digno empregado da Alfandega de Moçambique, o nosso amigo sr. Clemente Fernandes da Silva.

Cumprimentamo-lo, estimando que tenha chegado bem.

— Tambem no dia 15 aqui chegaram, vindos do Brazil, os nossos amigos srs. Filipe Gonçalves Ribeiro e Clemente Pereira de Figueiredo a quem cumprimentamos.

— Com a sua ex.^{ma} esposa, regressou de Faro, o nosso presado conterraneo sr. José Ferreira Liborio.

DOS NOSSOS CORRESPONDENTES

S. João de Loure, 22

A Junta de Parochia nomeou já as comissões que nos diferentes logares d'esta freguezia não-ile promover subscrições cujo producto é destinado á construcção do cemiterio parochial.

A commissão do logar de S. João ficou assim constituida: Padre Antonio Soares d'Almeida, Alexandre Vidal, Joaquim Rodrigues de Mello, José Marques dos Santos, José Martins Ferreira, Francisco Neves, José Baeta, José

gos do Porto preveniu-o porem, neste momento, que a condessa estava ali. Era uma occasião excellente de se encontrarem, e Salvador não teve animo de a perder. Tres dias depois chegava ao Porto, indagava noticias da condessa, e alcançava saber, dali a instantes, que Magdalena estava n'esse momento na rua de Cedofeita, de visita á sua amiga D. Piedade. O mancebo teve o tempo apenas de se vestir, e caminhar para lá.

D. Piedade era uma dama de quarenta annos; não é um crime; só os annos fleam sempre nos quinze, por ser a idade eterna que lhes deu o Senhor. Vivia cercada de amigas; creaturas enfastiadas, que iam entreter o dia com ella e que diziam num tom presumido e languido: A roda do carro da vida saiu dos seus eixos; em que havemos nós de occupar-nos?!

Magdalena estava mal entre estas senhoras que aspiravam a *ter estylo*, porque só ella não cuidava d'isso. O estylo de Magdalena eram

Dias Mello, Manoel Sequeira, Augusto dos Santos, Manoel José Simões, José Correia e outros cavalheiros que briosamente offerecem os seus serviços.

—Encontra-se em S. João, em casa de suas Ex.^{mas} tias, a sr.^a D. Esther de Figueiredo Vieira, dignissima professora em Frossos, para onde foi recentemente despachada.

Felicitemos S. Ex.^a e a freguezia de Frossos.

—Consociou-se hoje na igreja matriz d'esta localidade o sr. José Dias Andrade com uma sympathica menina. Parabens e mil felicidades.

—A morte do nosso amigo Joaquim Nunes dos Reis, causou aqui tristissima impressão.

Sôza, 20

Com a linda idade de 18 annos, falleceu, no dia 13 do corrente, a menina Julia Augusta Victor, filha do nosso saudoso conterraneo sr. João dos Santos Victor, irmã dos snrs. Manuel, Francisco e Antonio Victor e cunhada do sr. Manoel Brito Pereira de Rezende.

A saudosa extincta, que estivera durante cinco annos no convento de Santa Joanna, em Aveiro, possuia uma educação esmeradissima e era dotada de excellentes qualidades de espirito e de coração.

O seu funeral foi muito concorrido, não só por pessoas d'aqui como dos logares proximos. A beira da sepultura foram todas as meninas da escola despedir-se da extremosa irmã da sua bôa professora, sr.^a D. Etelvina Victor de Brito.

Foram lhe offerecidas tres bellas corôas de flores artificiaes: uma de sua mãe e irmãs, outra da sua afilhada Aida de Brito e ainda outra de sua tia, a sr.^a D. Anna Emilia d'Almeida Costa.

Apresentamos á Ex.^{ma} Senhora D. Maria Augusta d'Almeida Victor, mãe da saudosa extincta, bem como a toda a familia enlutada, a expressão sincera das nossas condolencias.

—No dia 19, foi victima d'um desastre Agostinho Carreira, de 13 annos.

Com um irmão mais novo, de 9 a 10 annos de idade, foi para o campo com o gado. Chegando ao local, entregou ao irmão um dos bois, ficando com o outro. Como este já lhe tivesse fugido por algumas vezes, nos dias anteriores, para evitar que fizesse o mesmo naquelle dia, atou á cinta a corda que o prendia. Algum tempo depois, o boi, dando um puxão á corda, deitou a terra o rapaz, que foi arrastando numa extensão d'alguns metros, até que o animal, pondo lhe as patas sobre a cabeça, o matou instantaneamente.

Lamentando o triste acontecimento, apresentamos aos paes do pobre rapaz os nossos sentidos pesames.

os seus olhos admiraveis de luz e de encanto, o oval harmonioso da sua frente, os seus braços elegantes, os seus dedos longos e finos; o estylo de Magdalena era a belleza e a graça; o estylo de Magdalena era a doce serenidade do ideal antigo!

No momento em que o creado annunciou o nome de Salvador, ella procurou debalde occultar a impressão que sentira. O mancebo pela sua parte, traiu-se no momento de a fixar. Tambem em que estado encontrava elle a condessa! Os olhos pareciam ter perdido o brilho e os seus olhos já não resplandecia a fresca purpura de out'ora! Extenuada, abatida, e de uma pallidez sepulchral, Magdalena era ainda bella, mas bella como o anjo da morte; a sua magreza era tal, que um diadema lhe serviria de cinto: ao vel-a mudar de attitude, cuidava a gente que ella ia quebrar se toda!

Era a segunda vez que se encontravam, e, como eu disse ao leitor no numero precedido d'23 de 1890 —

—Na noite de 19 para 20 do corrente, os larapios tentaram roubar o estabelecimento do sr. João dos Santos Leite, aqui estabelecido, ha annos.

Este nosso amigo, ao ouvir ruido, correu immediatamente á janella, mas os gatunos, que o presentiram, puzeram-se logo ao fresco.

Ha tempos roubaram ao sr. Joaquim Ribeiro a quantia de réis 500000.

Significa isto que os gatunos por aqui não se descuidam. Bom seria que as auctoridades fizessem o mesmo.—C.

A MISSÃO DA IMPRENSA

Do relatorio da these que a Associação dos jornalistas apresenta ao grande congresso nacional destacamos os seguintes trechos:

A imprensa, o jornal, não é uma mera empreza industrial, um simples mercantilismo.

E' ainda, e sempre, e sobretudo —para honra d'ella e gloria da humanidade—o defensor nato d'uma causa, o apóstolo devotado de um ideal, a bandeira sacrosanta de um partido, e sempre um agitador e propagador de ideias, sentimentos e aspirações.

Que essas ideias sejam sãs e fecundas, esses sentimentos puros e elevados e essas aspirações nobres e generosas, liberaes e humanitarias —e está definida e bem caracterizada a sua altissima missão social e historica.

Se a imprensa, o jornal, nunca foi, não é, não deve ser uma mera industria, um simples mercantilismo, menos ainda o escriptor, o jornalista, digno d'este honroso titulo, d'esta nobre profissão, pode nem deve ser um mercenario, mas um apóstolo.

Toda a imprensa, todo o jornal, todo o escriptor, todo o jornalista, tende, ou deverá tender a um fim ideal e desinteressado, que é o triumpho dos principios, das doutrinas, das aspirações ideaes, que julga ou presume serem superiores a todos os outros «ex adverso».

E quem será tão orgulhoso, que espirito, seita ou escola se julgará tão infallivel e potente, que se persuada ser aquelle a quem foi dado adquirir e ter a posse exclusiva da verdade, de «toda a verdade»?...

Que infinito «espirito de tolerancia» —que é uma das mais bellas e generosas conquistas do espirito moderno e scientifico — não dá ao estudioso, ao pensador, ao verdadeiro sabio, a resposta, conscienciosa e integra, a essa tremenda interrogação!...

via tristeza no ar, e respirava se morte!

D. Piedade, depois de apresentar Salvador ás suas amigas, dirigiu a conversação ácerca de Lisboa, e pediu noticias dos espectaculos e bailes da capital.

—Oh! imagine V. Ex.^a, respondeu o mancebo, que eu não vou aos theatros ha perto de um mez e aos bailes ha perto... de um anno!

As senhoras entoaram um grito de horror shakspeariano.

—Lembro-me bem, continuou Salvador, dirigindo se a Magdalena, que permanecera grave e seria, que foi justamente no ultimo baile em que appareci que eu tive a fortuna de fazer o conhecimento da senhora condessa!

Magdalena estremeceu ligeiramente.

—Ah! conhecem-se de Lisboa?! exclamou D. Piedade

—Sim! respondeu a condessa, erguendo-se: encontrei este senhor no club.

Ai!... porem, que as inoxoraveis exigencias do jornal, ou melhor e mais preciso, das paixões sectarias, politicas ou religiosas, com todos os seus extremos, facciosismos e fanatismos, bastas vezes impellem e arrastam a luctas e polemicas bem encarnicadas, cruéis e iniquas, em que a verdade, a justiça, e a bondade sangram!...

Faz-se mistér reagir, fortemente e nobremente, contra essa nocentissima tendencia, procurando fazer pairar, por sobre toda a obra do escriptor, do jornalista, o pensamento alto e o sentimento nobre de que—para bem, utilidade, honra e gloria dos homens—toda a manifestação e evangelisação do que se julga ser a unica verdade, o mais bello e o melhor, sejam realisadas com prudencia, tolerancia, cortesia, seriedade, e sobretudo, com bondade, verdade e justiça, que são, de mais a mais, as unicas formas de convencer e persuadir com segurança e fundamento, como de fazer mais largo e solido proselytismo.

Perante o grande, generoso e humanitario «Ideal» da Imprensa, digna d'este nome, e da sua altissima missão social e historica, ha mistér afastar—n'uma obra de paz, e concordia, e solidariedade.— todos os fermentos de divisão, nas questões e debates politicos, religiosos, de nacionalidade, de raças e de classes, mantendo-se a maxima tolerancia reciproca, a maxima delicadeza e cortezia, que não excluem a vehemencia e a energia na fórma e na essencia; nada de polemicas pessoazes e tão só de ideias, principios e sentimentos; aproximarmo-nos uns dos outros, e cada vez mais, para melhor nos entreconhecer, apreciar e amar, sem embargo das nossas divergencias politicas, philosophicas, litterarias ou religiosas, com a boa e sã intenção de nos apreciarmos, reciprocamente, com exactão e justiça, com benevolencia, e até indulgencia, se tanto fôr mistér, tendo sempre presente ao espirito e ao bom criterio que todos, na medida dos seus talentos e saber, situação e recursos, são destinados a trabalhar, com os mesmos meios, embora por diversos processos, para a obra commum da civilisação, do progresso, da moral e da justiça.

Cumpra á Imprensa pôr sempre em foco tudo quanto ha de nobre, de bello, de magnifico no espirito humano, e o que o caracter, o coração e o cerebro humanos têm produzido e podem produzir ainda a bem da Patria e da Humanidade.

Quanto mais a Imprensa se mostrar assim, boa e nobre, assim tolerante e unida, mais consciente da sua elevada missão e altissimos destinos, e mais ainda das suas responsabilidades moraes, juridicas e sociaes, maior prestigio e auctoridade terá, mais largos e justos privilegios poderá conquistar e auferir, fazendo-se amar e respeitar

—Que fazes? partes já?

—Sim, minha amiga: a magoa deve ser toda minha de não poder ficar mais tempo.

—Um instante, apenas! Um simples instante!

—Não! Não!

D. Piedade olhou de lado para Salvador, que não despregava a vista da condessa, e disse-lhe com um sorriso de intenção:

—Olhe, sr. Salvador, quer ver o que a minha cara Magdalena me fez a graça de escrever no meu album?

A condessa procurou impedi-la, mas D. Piedade proseguiu:

—Eu pedia-lhe um desenho, mas isso fatigava a muito e preferiu escrever...

—E escreveu? perguntou Salvador.

Uma simples phrase! acudiu Magdalena, tomando o album do cima da mesa e estendendo-o cautelosamente. Queres fazer-me arrependêr da minha imprudencia Piedade?

só pela verdade, pela justiça e pelo bem, que propague e semente.

O primeiro passo é precisar, definir e afirmar a sua missão e o seu direito; em seguida fazê-los conhecer e respeitar; e, por fim, só bastará reivindicá-los, sempre que se tente feril-os, para obter plena satisfação e livremente exercê-los.

A Imprensa, como a instrucção, é uma arma; e como toda a arma, tanto pôde servir ao «bem» como ao «mal». Tão somente por uma forte e solida educação superior e moral serão utilisaveis, tanto a instrucção como a Imprensa, para o bem, a verdade e a justiça.

Que essa arma seja sempre de paz e nunca de guerra; da verdade e nunca da mentira, da calma e do erro; só de defeza e nunca de ataque; de vida e nunca de morte. Só de defeza, quando em pró exclusivo da moral, do direito, da virtude, da justiça e do bem; só de ataque, contra o vicio e o crime sobre todas as suas multiplas e variadissimas fórmas e disfarces.

E só assim, com esta altissima comprehensão da sua missão, direitos e deveres profissionaes, conquistar á Imprensa, o escriptor, o jornalista, a estima, o apreço, a admiração, a consideração e o respeito até mesmo, e sobretudo até, d'aquelles cujos actos, obras e procedimentos haja criticado com a triplice condição de o fazer com «competencia, seriedade e honestidade».

Poderá, outrosim, legitimamente aspirar á grande honra de ser, pela larga publicidade do jornal, o informador ou vulgarisador das constantes acquisições scientificas, e industriaes, dos crescentes progressos artisticos e litterarios, materiaes e moraes; pela sua extensa propaganda, o intenso agitador de ideias e sentimentos, e aspirações; e, pela inspiração da paz geral, o factor poderoso e fecundo da felicidade e da prosperidade dos povos.

De tudo que levamos dito, na mais rapida, mas infelizmente bem descolorida e apagada synthese, resalta evidente quaes as «funções sociaes e historicas» da Imprensa, qual o seu «papel, importancia e influencia na grande obra da regeneração nacional».

1.^a Função d'informação: Com a rapidez e facilidade actual das communicações terrestres, maritimas e fluviaes, com o telegrapho, o telephone, as correspondencias postaes de toda a parte, internas e internacionaes, com o aperfeiçoamento crescente das machinas de imprimir, com a transformação do espirito publico, sempre e cada vez mais ávido de noticias, e anciado por ser mais largamente informado com precisão e rigor—a informação passou a ser uma das primaciaes funções da imprensa periodica.

Que, essa função, porém, se não rebaixe e derranque sendo factor da desmoralisação publica.

—Imprudencia! Como imprudencia! Uma phrase linda, menina! Uma phrase linda, que has de consentir que eu leia!

A condessa cedendo, entregou o album.

—Depois de eu partir! disse ella. Apenas Magdalena saiu da sala Salvador travou do album, procurou a folha em que ella escrevera, e leu tremulo estas duas linhas:

A desgraça tem conservado vidas, que a felicidade teria extinto!

O mancebo não pôde impedir que os seus olhos se humedecessem de lagrimas, e ficou por instantes contemplando extatico a triste phrase da condessa.

—Quem sabe se a tornaremos a ver! disse D. Piedade espiando que impressão produziam em Salvador estas palavras.

—A condessa, vae partir? perguntou elle ansioso.

—Embarca amanhã. Os medicos aconselham-lhe ficar algum tempo na ilha da Madeira, na esperança

Como escrevemos algures — «O proprio noticiario pôde e deve, da narração do facto mais revoltante e do crime mais hediondo, fazer resaltar, por considerações adequadas, alguma coisa util para a moralidade publica. A narração descarnada, e com mór razão a «poetisada» do escandalo, do facto vicioso ou criminoso, pôde ser, e é-o bastantes vezes, infelizmente, incentivo a novos escandalos e exemplar nocentissimo de novos crimes».

D'ahi o suscitar-se—nos dois Congressos Internacionaes da Imprensa, o 5.^o em Lisboa em 1898, e o 6.^o em Roma em 1899, pela palavra auctorizada do illustre jornalista Raqueni, que expressava não só o seu, senão tambem o voto unanime de mais de cem congressistas,—a ideia de se restringir, quanto possivel por accordo de toda a Imprensa, a publicidade dos duelos e dos suicidios. «C'est pousser souvent à ces deux grands maux que de flatter l'amour propre de ceux qui se battent ou que se tuent en relatant avec eloges les incidents de leurs cartela ou de leur mort».

Narrativas muito impressionantes e suggestivas dos jornaes são muitas vezes causas occasionaes de crimes para os tarados, os predispostos a obsessões e impulsões morbosas e criminaes.

Subscrição aberta a favor dos alumnos necessitados das duas escolas officiaes d'esta villa e dos nossos conterraneos extremamente pobres e impossibilitados, por falta de saude, de ganharem os meios de subsistencia.

LISTA DOS SUBSCRIPTORES

| | |
|--------------------------------------|----------|
| Transporte . . . | 115\$400 |
| Jeronymo Fernandes Mascarenhas . . . | 500 |
| Manoel Lias Vaia Junior . . . | 5\$000 |
| Somma . . . | 120\$900 |

Todos os nossos conterraneos, que queiram subscrever, podem dirigir-se á Ex.^{ma} Senhora D. Maria Lucia dos Reis e Lima e aos snrs. Dr. Eduardo de Moura, Antonio Simões da Silva e Avelino Dias de Figueiredo, em Eixo; Manoel Dias Saldanha, em Lisboa, Rua Augusta, n.^o 100-1.^o; e Dr. Alfredo de Magalhães, no Porto, rua de S. Miguel, n.^o 36.

de a salvarem ainda da affecção pulmonar que a devora!

O mancebo conseguiu apenas reprimir o grito de angustia que se lhe exhalou do peito.

—Oh! Pobre Magdalena! disse elle á sua alma. Pobre Magdalena!

Salvador procurou a condessa n'essa tarde, mas não foi recebido. Escreveu-lhe, mas devolveram-lhe a carta. Foi a bordo, na esperança de lhe fallar, mas Magdalena recusou se a vel-o. O espectáculo das suas lagrimas, distrahiu D. Piedade, que voltou de bordo no mesmo bote que elle, contemplando com curiosidade a angustia devoradora que o opprimia. Era uma senhora de espirito que se contentava em avistar nos outros as paixões, as manias e as miserias da existencia civilisada. Os horrores para ella eram a melhor das suas distrações, á similhaça de certos casos raros e monstruosos que fazem a alegria dos naturalistas!

JULIO CESAR MACHADO.

A FAMILIA MALDONADO

POR
VIEIRA DA COSTA
E

OS TRISTES

POR
FRANCISCO BARROS LOBO

Livraria editora de Gomes de Carvalho—Rua da Prata, 158 e 160—Lisboa.

VIVEIRO DE VIDEIRAS AMERICANAS

ENXERLOS e BARBADOS.

Enviem-se preços correntes.

JOÃO SALGADO

Estarrêja—FERMELÃ

A B C

ILLUSTADO
POR

ANGELO VIDAL

A' venda em todas as livrarias.

2.^a edição—Brochado 60—Cart 100

Convencido de que «a facilidade da leitura está para a creança na razão directa da retenção na memoria do nome das letras» procurou o auctor, n'este modestissimo trabalho, conseguir este fim por meio de desenhos mnemónicos.

A acceitação que este livrinho vai tendo, anima-nos a recommenda-lo ao professorado.

Quadros parietaes d'este methodo:—Colleção de 12 quadros em papel, 306 reis. Colleção de 12 quadros collados em cartão, 27300 reis.

Manuscripto das Escolas Primarias

POR

Angelo Vidal

Edição da *Livraria Fernandes*

Suc. J. Pereira da Silva

44—Largo dos Loyos—45

PORTO

O *Manuscripto das Escolas Primarias*—contem exercicios graduados e variados de letras de penna, illustrado em cada pagina com desenhos originaes accomodados á obra e em que mais uma vez se revela a fecundidade e o espirito do auctor.

De todos os paleographos que conhecemos este é, sem duvida, o mais completo, variado e attrahente. Alem d'isso é para nós o mais sympathico por ser devido á penna d'um amigo e conhecido de quem se póde dizer, como alguem disse do mallogrado Pinheiro Chagas, alludindo ao seu trabalho de todos os dias—precisa de fritar os miolos á familia no dia seguinte.

Depois, o preço é tão modico, 120 reis, apenas, se compararmos ao volume da obra e ao seu merito intrinseco, que suscita o desejo de o adquirir mesmo a quem supponha que não precisarão d'elle.

(Da *Vitalidade* de 17 d'outubro, 1908)

— 270, RUA DO PARAISO, 272 —

PADARIA FLOR DO PARAISO

PORTO

Ninguem fabrica melhor do que nós e poucos fabricam tão bem como nós.

E tão barato como nós ninguem vende

O rico e o pobre deve aproveitar uma economia de mais de 20 % no genero de primeira necessidade

Eis os preços d'esta casa desde o 1.^o de janeiro em diante:

PÃO FINO:

Kilo em 8 pães, 100 réis!

duzia de pão fino que em outra qualquer casa custa 150, 160, 100 e 120, custa em nossa casa apenas 120 e 90 réis respectivamente

A's boas donas de casa, aos proprietarios e directores de collegios, hotéis e restaurantes, recommendamos os productos da Padaria "FLOR DO PARAISO,,"

VENDAS A DINHEIRO

COLLEGIO MONDEGO

Paço da Inquisição—Coimbra

Director—Diamantino Diniz Ferreira

INSTRUÇÃO PRIMARIA

Instrução secundaria,—Curso geral e complementar.

Curso Commercial.—Portuguez, Conversação franceza, ingleza e allemã, contabilidade, calligraphia e escripturação commercial.

Musica, esgrima e gymnastica sueca.

O ensino primario é ministrado em portuguez, francez e inglez, tendo as linguas estrangeiras uma orientação essencialmente pratica.

Annexas á aula de instrução primaria, ha officinas de modelação, esculptura, typographia, marcenaria, encadernação e pintura; podendo optar cada alumno pela aprendizagem de qualquer d'estas profissões.

O exame do 3.^o anno do Curso Commercial é feito por uma commissão de technicos, sendo passados aos alumnos diplomas de competencia.

Sempre que as aptidões e vontade do alumno o permittam, o Collegio esforçar-se-ha por tirar num só anno a 1.^a, 2.^a e 3.^a classes dos Lyceus, bem como a 4.^a e 5.^a, e a 6.^a 7.^a (de Letrass).

ALUMNOS INTERNOS E EXTERNOS

PROFESSORES

General Aniceto de Paiva.
Charles Lepierre, Director do gabinete de microbiologia da Universidade
Capitão Antonio Baptista Lobo
Lucio Agnello Casimiro, professor do Lyceu de Horta
John Sidney
D. Olivia Duque, directora do Jardim d'Infancia
Francisco da Costa Ramos, professor diplomado
José d'Almeida, guarda-livros
Pinheiro da Costa, antigo leccionista
Antonio Donato, guarda-mór da Universidade
D. Martinho Fegriculp
Escola Nana d'Atur

LIVRARIA FERNANDES

SUCCESSOR J. PEREIRA DA SILVA

44, Largo dos Loyos, 45—PORTO

Ultimas publicações:

GRAMMATICA ELEMENTAR

DA

LINGUA PORTUGUEZA

PARA

USO DOS ALUMNOS
D'INSTRUÇÃO PRIMARIA

Elaborada segundo os actuaes programmas

POR

ALBANO DE SOUZA

3.^a EDIÇÃO MELHORADA

Este compendio facilita o ensino, tornando-o muito simples, pratico e intuitivo. Teem nelle um valioso auxiliar os snrs. professores, porque torna ás creanças d'uma grande suavidade e portanto, extremamente facil, esta disciplina tão ardua, tão complexa.

Cartonado 150 réis

PROGRAMMAS D'INSTRUÇÃO PRIMARIA—Com modelos para requerimentos de exames de instrução primaria. BROCHADO 60 REIS.

TABOADA e noções de Arithmetica e Systema metrico, em harmonia com o programma, para as 1.^a 2.^a e 3.^a classes de Instrução Primaria, por A. M. F.

5.^a edição. . . 400 reis

Para festas das creanças

Puerilidades

por **Angelo Vidal**

Poesias e monologos para creanças. Com o retrato do auctor.

Brochado 250 reis Encadernado 350

MANUSCRITO

DAS

ESCOLAS PRIMARIAS

(Illustrado)

por **Angelo Vidal**

Cuidadosamente organizado, contendo variados typos de letra—alguns muitos proprios para modelos calligraphicos, modelos de requerimentos, letras, cheques, etc.

Autographos de distinctos escriptores e de grande numero de professores.

Broch. 120 Enc. 200 reis

NO PRELO:

Desenho Geometrico dos Lyceus, para as 4.^a e 5.^a classes, por Angelo Vidal.

Deposito de Material Escolar Modelos aperfeçoados de: Carteiras, Caixas metricas, Contadores etc. Esferas terrestres e armillares. Museu escolar e Mappas Geographicos.

Preços muito reduzidos

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Semanario independente, noticioso, pedagogico e litterario

Redacção e Administração:

R. de S. Miguel, 36—PORTO

ASSIGNATURAS

(Pagamento adiantado)

Portugal—anno 1\$200
« —semestre 600
Africa—anno 1\$500
Brazil —anno—(moeda forte). 2\$200

PUBLICAÇÕES

Annuncios, por cada linha. . . 10 reis
Communicados, cada linha. . . 20 »

Para os srs. assignantes 25 p. c. de abatimento.

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Redacção e Administração—Rua de S. Miguel, 36—PORTO

Com.º Int.